

As exposições curriculares no processo de curricularização da extensão universitária: um diálogo direto com a sociedade

The curriculum exhibition in the curricular crediting process of the university extension: a direct dialogue with society

Ana Carolina Gelmini de Faria¹

DOI 10.26512/museologia.v12i23.46621

Resumo

O artigo reflete o papel das exposições curriculares na contemporaneidade, experiência singular na formação do(a) profissional museólogo(a) ao estimular o debate crítico-reflexivo sobre representações e demandas sociais. Na conjuntura do processo de curricularização da extensão revela-se uma atividade com alto potencial extensionista, prática que faz parte de sua essência formadora. A partir do curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) será examinado o viés social que as exposições curriculares têm caracterizado nessa graduação. Uma análise qualitativa de edições de exposições curriculares - derivada de diferentes papéis assumidos pela autora nesses processos, ora como docente, comissão avaliadora ou visitante -, contribui para compreender as bases que fundamentarão a destinação de parte de sua carga horária na integralização da extensão nessa graduação. Conclui que as exposições curriculares possuem inquestionável dimensão extensionista ao serem capazes de reforçar a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade.

Palavras-chave

Museologia; curricularização da Extensão; exposição curricular; Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Abstract

The article reflects on the role of curricular exhibitions in contemporary times, a unique experience of the museologist's professional training by stimulating a critical-reflective debate on representations and social demands. In the context of the extension curricular crediting process, an activity with high extensionist potential is revealed, a practice that is part of its formative essence. From the Museology course at the Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), the social bias that curricular exhibitions have characterized in this graduation will be examined. A qualitative analysis of editions of curricular expositions - derived from the different roles assumed by the author in these processes, sometimes as a professor, evaluation committee, or visitor -, contributes to understanding the bases that will base the allocation of part of her workload in the payment of the extension in this graduation. It has been concluded that the curricular exhibitions have an unquestionable extensionist dimension as they are capable of reinforcing the transforming interaction between the university and other societal sectors.

Keywords

Museology; extension curriculum; curriculum exhibition; Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹ Museóloga (UNIRIO), mestre e doutora em Educação (UFRGS). Docente do Curso de Museologia do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/FABICO/UFRGS) e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da mesma universidade (PPGMusPa/UFRGS). Coordenadora do programa de extensão "Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias" (2017-atual) e do projeto de pesquisa "História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes" (2022-atual). Membro dos grupos de pesquisa do CNPq "Escritas da história em museus: objetos, narrativas e temporalidades" e do "GEMMUS - Grupo de Estudos em Memória, Museus e Patrimônio". Contato eletrônico: carolina.gelmini@ufrgs.br

A exposição curricular na formação do(a) museólogo(a)

Montagem de exposições é uma habilidade que integra a formação do(a) profissional museólogo(a) desde suas primeiras bases, no Brasil encontra-se vestígios de sua abordagem desde quando o Curso de Museus diplomava conservadores(as) de museus. Esse é o produto de premissas complexas: caberia a esse(a) profissional a classificação e pesquisa museológica, processos triviais para a produção de conhecimento sobre o objeto, mas o exercício dos museus, na promoção do aprendizado pela educação visual, consubstancia-se quando é desenvolvido, concomitantemente, estratégias de divulgação do patrimônio cultural. Portanto, esse foi um importante passo de ruptura, pois se convencionou que os museus, para além de espaços de guarda, deveriam disseminar conteúdo informacional ao público. Esse entendimento passou a exigir competências de diversos(as) profissionais que se somavam no desafio de comunicar através do visível (FARIA, 2017).

A conservadora de museus Dulce Ludolf (1964 [1952]) intitulou essa habilidade de pesquisa educacional. Em suas palavras, a pesquisa educacional “[...] estabelece os moldes em que devem ser organizadas as exposições, bem como os métodos mais incisivos de apresentação dos objetos” (Ibidem: 194). Esse processo envolveu soluções teórico-metodológicas para atrair o público até o museu e tornar conhecido o seu acervo. O aprendizado pela educação visual passou a ser um tema de atenção na construção desses espaços, pois as salas expositivas não poderiam mais ser encaradas como depósitos de bens culturais, ao contrário, sua disposição e recursos aplicados na apresentação dos objetos dariam credibilidade à realidade evocada.

O tema aparece no livro *Introdução à Técnica de Museus* (BARROSO, 1951), considerado um manual de formação especializada das disciplinas *Técnica em Museus* do Curso de Museus. O professor Gustavo Barroso advertia sobre o “valor pedagógico dos objetos” (Ibidem: 32). Para o docente boa parte do público contentava-se em ter uma boa visão do conjunto devendo, assim, evitar o amontoamento. No referido livro são elencados princípios indeclináveis para uma boa exposição:

- 1) Efeito estético dos próprios objetos.
- 2) Efeito estético de sua colocação.
- 3) Facilidade de visão e exame pelo público.
- 4) Boa e clara etiquetagem.
- 5) Proteção dos objetos contra as intempéries.
- 6) Defesa dos mesmos contra descuidos de visitantes e roubos.
- 7) Preferência dos melhoramentos graduais sobre as reformas subversivas.

[...] O efeito estético da colocação dos objetos depende em grande parte da maneira como sua natureza permita colocá-los: em plintos, peanhas e pedestais; em mostruários e vitrinas; pendurá-los às paredes.

1º caso - Os plintos, peanhas e pedestais podem ser de pedra, metal ou madeira. Seu estilo deve corresponder ao das peças que suportam. Suas proporções devem dar impressão de estabilidade e harmonia. É aconselhável sempre a maior simplicidade.

2º caso - A questão das vitrinas é mais complexa. As feias e mal-dispostas prejudicam grandemente a exposição dos objetos e o conjunto das salas. Cansam o visitante. Sobretudo as que obrigam a se curvar, abaixar ou pôr-se na pontinha dos pés. O arranjo das vitrinas com bom gosto e propriedade produz efeito contrário, desperta o interesse e dá um sentimento de harmonia. (BARROSO, 1951: 32;37)

Percebe-se que se por um lado tais princípios exaltavam o apelo estético do objeto, por outro demonstrava a necessidade da atenção do(a) profissional na organização das exposições a fim de evitar o excesso informacional. Diminuir a concentração de acervo exposto ampliava a concentração do(a) visitante e tornava mais nítida a proposta educativa da instituição.

Embora o tema fosse amplamente abordado no Curso de Museus, acompanhando o fôlego dos debates no campo dos museus ao longo da primeira metade do século XX, somente no final da década de 1970 que se oficializou a elaboração de exposições curriculares na formação, um dos desdobramentos da passagem do Curso no Museu Histórico Nacional para uma universidade. Porém, esse processo já era observado desde meados da década de 1960, obtendo recorrências na década seguinte:

A idéia de organizar exposições informais com os alunos do Curso foi sugerida pela professora Therezinha de Moraes Sarmiento, em 1973, à época de sua bolsa de estudos no México. Desde os idos de 1974, as professoras Solange Godoy, Tereza Scheiner, Maria de Lourdes Naylor Rocha e Celma Tereza Franco vinham coordenando os alunos na organização de exposições de caráter experimental. [...] Como exigência curricular, as exposições foram sistematizadas pelas professoras Tereza Scheiner, Maria de Lourdes Naylor Rocha e Celma Tereza Franco. (SÁ, 2007: 34)

De acordo com Tostes (2017) foi em 1978 que ocorreu a primeira exposição curricular do Curso de Museologia da atual Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - universidade que incorporou o Curso de Museus, intitulada *Fragmentos da vida social brasileira*. Desde a matriz curricular de 1975 a exposição curricular era executada na disciplina Museografia IV, cursada juntamente com Museologia VII. Na matriz curricular de 1978 passou a contar com a disciplina Museografia III para a elaboração do anteprojeto de exposição curricular, contemplando a pesquisa do tema escolhido, planejamento e programação, a ser executada na disciplina Museografia IV com a montagem, desmontagem e avaliação da exposição curricular. Essa competência é reforçada na década de 1980 com a regulamentação da profissão de museólogo(a) que, pela Lei 7287 de 1984, dispõe no seu inciso II do Art.3º que cabe a esse(a) profissional “[...] planejar, organizar, administrar, dirigir e supervisionar os museus, as exposições de caráter educativo e cultural, os serviços educativos e atividades culturais dos museus e de instituições afins” (BRASIL, 1984, doc. eletr.).

Essa lógica curricular ainda se mostra vigente e presente não somente no Curso de Museologia da UNIRIO, mas em graduações de Museologia de diferentes estados brasileiros, muitas inspiradas no modelo do primeiro curso de formação no país. No Curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) essa evidência é comprovada no anteprojeto do bacharelado de 1990, que não foi implementado naquele período². Sua fundação ocorreu em 2008, e desde a primeira matriz curricular três disciplinas obrigatórias estavam previstas para a formação dessa competência: Expografia - Projeto de Curadoria Expográfica - Prática de Exposições Museológicas, sendo cada uma pré-requisito da posterior. As referidas disciplinas fazem parte do eixo de formação específica em Museologia: aspectos teórico-metodológicos e aplicados (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2019).

2 Para consulta do anteprojeto de criação do curso, acessar o Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, disponível na coleção Institucional, número de registro MSL.1.6. Disponível em: <https://memoriamslufrgs.online/tainacan/colecao/institucional/>. Acesso em janeiro de 2023.

O Ementário do Curso de Museologia da UFRGS ajuda a compreender a correlação entre as disciplinas. A disciplina Expografia ocorre na quinta etapa do curso, e tem por súmula “Elementos constituintes das exposições. Metodologias e técnicas. Teoria e prática de design expográfico” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2022: 47). Na descrição há a sinalização da proposta da primeira fase da tríade:

[...] disciplina norteadora que compõe a tríade de disciplinas que tem como tema central a Expografia, tendo como um dos seus objetivos orientar o futuro processo de concepção e planejamento da exposição curricular na disciplina de Projeto de Curadoria Expográfica (BIB03215) e por fim, na disciplina de Prática de Exposições Museológicas (BIB03217), a montagem, abertura, realização de atividades educativo-culturais, desmontagem e avaliação da exposição curricular propriamente dita. [...] Dentre as atividades desenvolvidas destaco as visitas técnicas realizadas às exposições em diferentes instituições museológicas da capital e do interior do RS, com o objetivo de observar e analisar in loco questões metodológicas e técnicas, além de toda reflexão teórica que antecede o processo de concepção e execução de uma exposição. Incluo também o exercício de produzir um primeiro esboço de projeto curatorial de forma colaborativa com outros colegas já lançando um olhar atento às diferentes perspectivas curatoriais no âmbito das exposições. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2022: 47-48)

Uma vez aprovado(a) na disciplina o(a) discente pode se matricular em Projeto de Curadoria Expográfica, que compõe a sexta etapa curricular. Sua súmula é objetiva, “Processamento e programação de exposições. Elaboração de projeto expográfico” (UFRGS, 2022: 60). Há a sinalização de que a disciplina envolve, além da presença de um(a) docente, outros(as) profissionais da Museologia e de áreas afins para fins de assessoramento, a exemplo do museólogo vinculado ao Curso de Museologia e convidados(as) especializados(as) na temática selecionada para contribuir tanto no papel de comitê científico como de comitê de apreciação crítica. Destaca-se como atividade central

[...] a produção e a escrita de um projeto curatorial de forma compartilhada e coletiva como um exercício acadêmico que engloba ações de pesquisa bibliográfica e documental em diferentes acervos, incluindo a seleção de artefatos a serem expostos, construção de uma programação educativo-cultural, elaboração de material educativo específico e de protótipos a serem testados pela turma, bem como um olhar atento às questões de acessibilidade e aos estudos de avaliação do público externo e interno da exposição. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2022: 60)

A tríade se completa com a disciplina Prática de Exposições Museológicas, lecionada na sétima etapa do currículo. Sua ementa compreende “Aplicação de projeto expográfico: montagem, desenvolvimento e avaliação” (Ibidem: 71). Assim, compreende

[...] a execução da exposição curricular a partir do projeto curatorial desenvolvido no semestre anterior pela turma. Nessa etapa são produzidos os textos da exposição, são realizadas as ações de higienização e acondicionamento para devido transporte do acervo para a exposição, finalização das peças gráficas de divulgação e da programação educativo-cultural, produção do manual de mediação bem como dos materiais educativos que estarão presentes na exposição, além da contratação de profissionais externos para criação de mobiliário e outros suportes expográficos. É realizada uma for-

As exposições curriculares no processo de curricularização da extensão universitária: um diálogo direto com a sociedade.

mação em mediação com o Setor Educativo do Museu da UFRGS e outros parceiros com ampla experiência em mediação. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2022: 71.)

Percebe-se, ao percorrer a proposta de ensino-aprendizagem, que as estratégias metodológicas se assemelham à dinâmica incorporada na década de 1970 no Curso de Museologia da UNIRIO. A disciplina Prática de Exposições Museológicas tem se demonstrado uma importante atividade de ensino no que tange a experimentação das habilidades e competências do(a) profissional museólogo(a), congregando, em sua execução, a prática não somente no recorte expográfico, mas também na documentação museológica, conservação preventiva, estudos de público, educação museal, comunicação e inclusão, por exemplo.

Ou seja, é inquestionável a contribuição técnica das disciplinas citadas na experimentação do exercício profissional, especialmente a última disciplina da tríade, que concatena o longo processo de planejamento e realização de uma exposição. Porém, para além das habilidades práticas há uma dimensão ainda mais importante vigente nesse processo: a social. O Curso de Museologia da UFRGS traça como perfil do(a) egresso(a):

O Curso de Bacharelado em Museologia da UFRGS visa a formação de um profissional consciente da relação profunda do ser humano (sujeito) com o bem cultural (objeto) e do valor que as teorias e os paradigmas da ciência possuem para o desenvolvimento e preservação do patrimônio construído pelas sociedades; capaz de intervir e de interagir crítica e criativamente nos contextos sociais, na defesa dos ideais éticos de respeito à vida, à diversidade, ao patrimônio ambiental e cultural e à igualdade de direitos; de agir como proponente, gestor e executor de políticas relacionadas à Museologia; de atuar no processo de musealização, através da preservação, pesquisa e socialização da museália, objetivando a produção do conhecimento. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2019: 11.)

Waldisa Rússio Guarnieri foi uma profissional que no Brasil ressaltou a importância de se combater o imaginário de que os museus são cenários anti-vida. A autora advertia: “Neste momento, não se exigirá do Museu apenas a possibilidade de reinterpretar o passado” (RÚSSIO, 1977: 26). Assim, partindo dessa premissa, impõe um desafio para o campo dos museus:

[...] nele [no museu] irá se procurar [...] o estimulador de uma consciência crítica de uma visão humanista; o instigador de amortecidas capacidades de indagar, de julgar e de criar; o deflagrador de um processo no qual o Homem se coloque como fruidor e agente de vida cultural; o conscientizador do processo histórico, do Homem como ser histórico. (Ibidem: 26)

Nessa perspectiva defendia que o(a) museólogo(a) deveria ser um conhecedor do humano e social, não se limitando ao objeto:

O conhecimento museológico ocupa-se da realidade e da história, aí compreendido um conhecimento não apenas racional e sistemático, mas também prático, no qual a prática e a razão se constroem num processo de interdependência, reciprocidade, conexão e coerência (GUARNIERI, 1986 [2010]: 129)

A concepção crítica dos(as) futuros(as) profissionais não se limita a tríade de disciplinas, é desdobramento da proposta curricular (evidenciando a importância dos dois eixos de formação: Geral Humanística: estudos históricos,

culturais e sociais e Museologia: aspectos teórico-metodológicos e aplicados), das atividades de pesquisa, estágios e, especialmente, do viés extensionista que fundamenta a formação. É um processo de estímulo a princípios como respeito à pluralidade social e cultural e a defesa da democracia e da participação ampla (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2019). É propor uma Museologia cada vez mais assumida como uma disciplina das passagens entre experiências, que convida para o “[...] estudo das representações do real, em suas mais diversas faces e potências, em vez de tomar a realidade como uma verdade em si mesma” (BRULON, 2018: 206).

Os desafios impostos na realização dessas disciplinas - que envolvem tanto compromissos científicos quanto compromissos éticos - acabam por evidenciar a potência das exposições: um exercício dialógico, argumentativo, reflexivo e de promoção da cidadania. A exposição curricular é uma atividade formadora que tem características extensionistas em sua essência, uma marca que a torna peça-chave na curricularização da extensão universitária.

A curricularização da extensão universitária

No dia 26 de junho de 2014 foi publicado, em edição extra do Diário Oficial da União, o Plano Nacional de Educação (PNE), encaminhado pelo Executivo ao Congresso em 2010. A proposta previa o investimento do Produto Interno Bruto no setor, a ser aplicado em todos os níveis de ensino, a fim de contemplar diretrizes como a erradicação do analfabetismo e a superação das desigualdades educacionais. O Plano tem vigência por 10 (dez) anos, a contar da publicação da Lei (BRASIL, 2014).

Em sua meta 12, estratégia 12.7, prevê “Assegurar, no mínimo, 10% do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária” (Ibidem, doc. eletrônico). Essa não era uma meta nova, já estava prevista no Plano Nacional de Educação para o período 2001-2010 mas, em 2014, foi apresentada como passível de ser concretizada. Em sua defesa:

Um dos passos fundamentais em direção à universalização da Extensão Universitária está em sua inclusão nos currículos, flexibilizando-os e imprimindo neles um novo significado com a adoção dos novos conceitos de ‘sala de aula’ e de ‘eixo pedagógico’. É importante ter claro que não se trata apenas de aproveitamento de créditos oriundos de atividades extensionistas, para efeitos de integralização curricular ou de criação de novas disciplinas relacionadas com a Extensão Universitária, mas, sim, de sua inclusão criativa no projeto pedagógico dos cursos universitários, assimilando-a como elemento fundamental no processo de formação profissional e de produção do conhecimento. (FORPROEX, 2012: 80)

Importante destacar que a prática extensionista no Brasil remonta ao início do século XX, coincidindo com a criação do Ensino Superior. Com indícios que remontam a década de 1910, foi ao longo dos anos ganhando reconhecimento legal. No I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, realizado em 1987, foi definido:

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade

As exposições curriculares no processo de curricularização da extensão universitária: um diálogo direto com a sociedade.

de elaboração da praxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/ prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (FORPROEX, 1987 apud FORPROEX, 2012: 21)

Mais do que incorporar e reconhecer a extensão para fins administrativos, implementar a extensão como componente curricular é promover mudanças simbólicas na universidade pública. É propor, pela via da extensão universitária, uma postura democrática, humana, ética e de equidade da universidade perante a sociedade: “Seu escopo é o de um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, por meio do qual se promove uma interação que transforma não apenas a Universidade, mas também os setores sociais com os quais ela interage” (FORPROEX, 2012: 42).

O Fórum de Pró-Reitores de Extensão realizado em 2012 indicou que, para fins de integralização curricular da extensão universitária, fossem observados seis princípios norteadores das atividades extensionistas:

1. A ciência, a arte e a tecnologia devem alicerçar-se nas prioridades do local, da região, do País;
2. A Universidade não pode imaginar-se proprietária de um saber pronto e acabado, que vai ser oferecido à sociedade, mas, ao contrário, exatamente porque participa dessa sociedade, ela deve ser sensível a seus problemas e apelos, sejam os expressos pelos grupos sociais com os quais interage, sejam aqueles definidos ou apreendidos por meio de suas atividades próprias de Ensino, Pesquisa e Extensão;
3. A Universidade deve participar dos movimentos sociais, priorizando ações que visem à superação da desigualdade e da exclusão social existentes no Brasil;
4. A ação cidadã das Universidades não pode prescindir da efetiva difusão e democratização dos saberes nelas produzidos, de tal forma que as populações, cujos problemas se tornam objeto da pesquisa acadêmica, sejam também consideradas sujeito desse conhecimento, tendo, portanto, pleno direito de acesso às informações resultantes dessas pesquisas;
5. A prestação de serviços deve ser produto de interesse acadêmico, científico, filosófico, tecnológico e artístico do Ensino, Pesquisa e Extensão, devendo ser encarada como um trabalho social, ou seja, ação deliberada que se constitui a partir e sobre a realidade objetiva, produzindo conhecimentos que visem à transformação social;
6. A atuação junto ao sistema de ensino público deve se constituir em uma das diretrizes prioritárias para o fortalecimento da educação básica através de contribuições técnico- científicas e colaboração na construção e difusão dos valores da cidadania. (FORPROEX, 2012: 58 - 60)

Para o exercício dos princípios norteadores cinco diretrizes devem orientar a formulação e implementação das ações de extensão: interação dialógica; interdisciplinaridade e interprofissionalidade; indissociabilidade ensino - pesquisa- extensão; impacto na formação do estudante; e impacto e transforma-

ção social (Idem, 2012). De acordo com o Fórum a expectativa é que a prática concomitante das diretrizes leve à superação das três crises da universidade pública sinalizadas por Boaventura de Sousa Santos (2011): a crise de hegemonia, a crise de legitimidade e a crise institucional, definidas pelo autor como

A crise de hegemonia resultava das contradições entre as funções tradicionais da universidade e as que ao longo do século XX lhe tinham vindo a ser atribuídas. De um lado, a produção de alta cultura, pensamento crítico e conhecimentos exemplares, científicos e humanísticos, necessários à formação das elites de que a universidade se tinha vindo a ocupar desde a Idade Média europeia. Do outro, a produção de padrões culturais médios e de conhecimentos instrumentais, úteis na formação de mão de obra qualificada exigida pelo desenvolvimento capitalista. [...] A segunda crise era a crise de legitimidade provocada pelo fato de a universidade ter deixado de ser uma instituição consensual em face da contradição entre a hierarquização dos saberes especializados através das restrições do acesso e da credenciação das competências, por um lado, e as exigências sociais e políticas da democratização da universidade e da reivindicação da igualdade de oportunidades para os filhos das classes populares, por outro. Finalmente, a crise institucional resultava da contradição entre a reivindicação da autonomia na definição dos valores e objetivos da universidade e a pressão crescente para submeter esta última a critérios de eficácia e de produtividade de natureza empresarial ou de responsabilidade social. (SANTOS, 2011: 9-10)

Nessa perspectiva, a integralização da extensão universitária, longe de se constituir num modo de cumprir a lei, se apresenta como uma das práticas acadêmicas mais inclusivas, que concretizem a função social da universidade, enquanto instituição pública, gratuita e de qualidade. Essa prática já era observada nos cursos de Museologia antes mesmo da obrigatoriedade da curricularização da extensão, manifestada em sua potência nas exposições curriculares. A partir de edições de exposições curriculares realizadas por alunos(as)-curadores(as) do curso de Museologia da UFRGS será proposta uma análise de correlação entre suas propostas curatoriais e as diretrizes norteadoras de uma prática extensionista almejada.

As exposições curriculares da Museologia da UFRGS: um diálogo direto com a sociedade

Em 2023 o Curso de Museologia da UFRGS completa quinze anos de funcionamento, tendo apresentado à sociedade doze exposições curriculares³ (figura 1). Todas as edições foram concebidas a partir das disciplinas obrigatórias Expografia - Projeto de Curadoria Expográfica - Prática de Exposições Museológicas e tiveram como ponto de partida a liberdade de escolha por parte dos alunos(as)-curadores(as) do tema da exposição. Tal prática prevê que seu produto final seja exibido à sociedade, em uma troca enérgica entre público e alunos(as)-curadores(as) que assumem, no período aberto à visitação, o papel de mediadores(as) do circuito expositivo. As edições ocorreram no Memorial do Rio Grande do Sul, no Memorial do Ministério Público, no Museu da UFRGS (atual sede das edições, desde 2014, quando seu Mezanino tornou-se um dos laboratórios especializados do curso) e no ciberespaço, com duas edições virtuais por decorrência da pandemia (quadro 1).

3 Para conhecer as exposições curriculares sugere-se visitar a coleção Exposições Curriculares do Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias. Disponível em: <https://memoriamslufrgs.online/tainacan/colecao/exposicoes-curriculares/>. Acesso em janeiro de 2023.

As exposições curriculares no processo de curricularização da extensão universitária: um diálogo direto com a sociedade.

Figura 1 - Logotipias das exposições curriculares - Museologia UFRGS



Fonte: Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, 2023.

Quadro 1 - Cronologia das exposições curriculares - Museologia UFRGS

Ano	Exposição	Exibição
2011	Do Confessionário ao Wireless - Landell de Moura, o padre-inventor	Memorial do Rio Grande do Sul
2011	Fatos, Lendas e Mitos - Olhares sobre o imaginário de Porto Alegre	Memorial do Ministério Público
2012	Brinquedo é coisa séria	Memorial do Rio Grande do Sul
2013	Alices - Cenários de Vida e Arte	Mezanino do Museu da UFRGS
2015	AGÔ - Presença Negra em Porto Alegre: uma trajetória de resistência	Mezanino do Museu da UFRGS
2016	KUMIAI - Entrelaçamentos na Colônia Japonesa de Ivoti, RS	Mezanino do Museu da UFRGS
2017	Nós Podemos! A Mulher da submissão à subversão	Mezanino do Museu da UFRGS
2018	IMENSA MENTE - Caminhos da Saúde Mental: do existir ao resistir	Mezanino do Museu da UFRGS
2019	Tic-Tac: nas cordas do tempo	Mezanino do Museu da UFRGS
2021	No escurinho do cinema: memória e sociabilidade em Porto Alegre	Exposição virtual
2021	Emaranhado - reflexões sobre a cibercultura	Exposição virtual
2022	Brasil: vermelho como brasa	Mezanino do Museu da UFRGS

Fonte: Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, 2023.

Souza (2015), ao investigar a dimensão educativa das cinco primeiras edições das exposições curriculares, conversou com docentes que ministraram a disciplina Prática de Exposições Museológicas. Suas impressões destacam a dimensão social da proposta de aprendizagem, a exemplo:

É fundamental que exista na grade curricular dos Cursos de Bacharelado em Museologia disciplinas voltadas para o planejamento, execução e avaliação de uma exposição curricular. É um momento único na trajetória do estudante que está na graduação, afinal, uma disciplina voltada para a elaboração de uma exposição curricular exige do aluno um conhecimento em diversas disciplinas específicas da Museologia, além de um trabalho intenso de pesquisa, de tomada de decisões coletivas e do exercício constante de criatividade ao longo de todo o processo. Penso que um dos pontos relevantes desse processo seja envolver o aluno, de alguma forma, no ensino, na pesquisa e na extensão, que é o compromisso social das universidades (TEIXEIRA, 2015, apud SOUZA, 2015: 25-26)

Considero de relevância extrema, são um dos pilares da formação do profissional museólogo, possivelmente seja este um aprendizado muito além da própria materialidade da exposição, mas uma experiência do trabalho em conjunto, da negociação de ideias e da promoção de atividades, que prepara o aluno para a vida profissional (GIOVANAZ, 2015, apud SOUZA, 2015: 26)

Como referido acima pela professora Marlise Giovanaz a experiência vivenciada produz um aprendizado que ultrapassa a própria materialidade da exposição. Essa é a dimensão do exercício da cidadania, que visa um aprendizado humano, político, ético, igualitário. É possível, ao desdobrar as cinco diretrizes que norteiam a essência extensionista universitária, identificar seus traços em diferentes edições de exposições curriculares realizadas no curso de Museologia da UFRGS.

Interação dialógica

A dimensão interação dialógica propõe que as relações entre a universidade e os setores sociais devam enfatizar o diálogo e a troca de saberes, na intenção de substituir o discurso da hegemonia acadêmica por novos conhecimentos de caráter inclusivo, democrático, coletivo e partilhado. Nessa perspectiva, todos(as) os(as) atores(as) sociais envolvidos(as) participam da formulação de conhecimentos e políticas referentes à ação que está sendo realizada, derivada de práticas cotidianas e vivências comunitárias.

Não se trata mais de “estender à sociedade o conhecimento acumulado pela Universidade”, mas de produzir, em interação com a sociedade, um conhecimento novo. Um conhecimento que contribua para a superação da desigualdade e da exclusão social e para a construção de uma sociedade mais justa, ética e democrática. Esse objetivo pressupõe uma ação de mão dupla: da Universidade para a sociedade e da sociedade para a Universidade. Isto porque os atores sociais que participam da ação, sejam pessoas inseridas nas comunidades com as quais a ação de Extensão é desenvolvida, sejam agentes públicos (estatais e não-estatais) envolvidos na formulação e implementação de políticas públicas com as quais essa ação se articula, também contribuem com a produção do conhecimento. Eles também oferecem à Universidade os saberes construídos em sua prática cotidiana, em seu fazer profissional ou vivência comunitária. (FORPROEX, 2012: 58-60)

Tal dimensão foi contemplada em diferentes exposições curriculares. Muitos dos temas selecionados pelos(as) alunos(as)-curadores(as) exigem abordagens e escolhas que ultrapassam suas experiências de vida. Nesses processos os sujeitos sociais que são abordados(as) nos temas expositivos são convidados(as) a contribuir no processo curatorial, relação direta com representantes da sociedade que oportuniza uma nova experiência de vida para os(as) discentes, bem como uma aproximação desses sujeitos e/ou coletivos com a universidade. Nessa enérgica interação uma produção do conhecimento singular é promovida.

A dimensão interação dialógica foi observada na exposição curricular *AGÔ - Presença Negra em Porto Alegre: uma trajetória de resistência*, realizada em 2015. A exposição tinha por objetivo fazer um tributo a homens e mulheres negras que resistiram e deixaram suas marcas na história de Porto Alegre e foi concebida com quatro núcleos: Triunfo de Akins, Cozinha, Bar e Negritude. Para tal exercício os(as) alunos(as)-curadores(as) fizeram um movimento em direção

à comunidade negra porto-alegrense, inserindo-a no processo de pesquisa e validação das escolhas da turma (AGÔ..., 2015).

Validando o sentido da exposição AGÔ buscamos o entrelaçamento entre a teoria e a prática, através da formação de um Comitê Científico Comunitário que teve a função de revelar as contribuições dos africanos e afrodescendentes, enquanto protagonistas na formação e constituição da capital deste Estado. História da nossa cidade que não está fundamentada em fontes teóricas e nem nos referenciais transmitidos pela educação formal, deixando uma lacuna no conhecimento social. Côncios da responsabilidade pelos saberes que foram expostos e sendo éticos no cumprimento do papel do museólogo, que deve estar comprometido no exercício profissional e cidadão com o fazer crítico. Estabeleceram-se parcerias que auxiliaram nas escolhas da turma em relação às possíveis abordagens da temática em questão. [...] Havia um rastro na memória da história de Porto Alegre, que nos incomodava, inquietava-nos a invisibilidade de uma etnia negra que atualmente é tão organizada em seus grupos e tão atuante em suas contribuições sociopolíticas cultural, gigantes em suas criações, sábios no desempenho de funções relevantes nos lugares em que ocupam, entretanto está ocultada pelos agentes formadores de opinião, pertencentes às classes hegemônicas. Inúmeros fatos, narrativas e nomes foram enterrados com suas evidências. Onde está a lembrança que deveria ser mais forte do que esquecer? Onde buscar os registros dos antepassados para poder contar aos jovens suas histórias e suas memórias? Talvez, uma decisão sábia seria não renegar os acontecimentos negativos, e sim tornar precioso contar aos seus como é positivo renovar-se a cada dia e em cada luta, [...] Aprendemos muito com o processo de constituição dessa exposição, pela participação dos indivíduos e dos grupos, com seus acervos pessoais e institucionais, com seus saberes e fazeres, com suas experiências e seus conhecimentos. E assim, substancialmente, foram acolhidas as falas, as análises, os depoimentos e os ensinamentos traduzidos através das experiências de vida, da participação e da construção social realizada por aqueles que exercem a sua Negritude. Por aqueles que se assumem enquanto protagonistas e sujeitos da história. (TURMA 2014/2015, 2015: 12-14⁴)

O balanço dos(as) alunos(as)-curadores(as) é que “[...] a exposição foi gestada e carinhosamente acolhida pela comunidade negra, coletivos e tantos parceiros de jornada que contribuíram para que AGÔ se tornasse realidade e extrapolasse os muros da academia” (AGÔ..., 2015: 1) (figura 2). A percepção daqueles(as) futuros(as) profissionais, a partir de impressões compartilhadas em registros (figura 3), foi de que “[...] o fazer museológico pode e deve ancorar suas escolhas na interação social para promover a ressignificação das memórias coletivas” (Ibidem: 1).

4 Para consulta do relatório da exposição, acessar o *Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, disponível na coleção *Exposições Curriculares*, subcoleção AGÔ - Presença Negra em Porto Alegre: uma trajetória de resistência, número de registro MSL.4.5.28. Disponível em: <https://memoriamslufrgs.online/tainacan/colecao/exposicoes-curriculares/>. Acesso em janeiro de 2023.

Figura 2 - Imagens do processo curatorial da exposição AGÔ - Presença Negra em Porto Alegre: uma trajetória de resistência (2015)



Composição realizada pela autora a partir do catálogo da exposição (AGÔ..., 2015: 4-11).
 Fonte: Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, 2023⁵.

Figura 3 - Impressões da exposição AGÔ - Presença Negra em Porto Alegre: uma trajetória de resistência (2015).



Fonte: AGÔ..., 2015: 12.

5 Para consulta do catálogo da exposição, acessar o *Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, disponível na coleção *Exposições Curriculares*, subcoleção *AGÔ - Presença Negra em Porto Alegre: uma trajetória de resistência*, número de registro MSL4.5.23. Disponível em: <https://memoriamslufrgs.online/tainacan/colecao/exposicoes-curriculares/>. Acesso em janeiro de 2023.

Cabe ressaltar que as parcerias iniciadas pela exposição curricular ganharam laços de longa duração. Alunos(as)-curadores(as) fizeram estágios obrigatórios e não-obrigatórios em coletivos como Instituto Sociocultural Afro-Sul Odomode e, de suas inserções, foram produzidos trabalhos de conclusão de curso⁶ e dissertação⁷. As relações se mantêm e a produção de conhecimento é produto da reciprocidade.

Interdisciplinaridade e interprofissionalidade

A diretriz de interdisciplinaridade e interprofissionalidade para as ações extensionistas visa superar o tradicional afastamento entre a especialização dos currículos com a complexidade que representa atuar junto a comunidades, setores e grupos da sociedade. Nessa perspectiva, o conhecimento produzido por diferentes vieses se integra e constrói relações interprofissionais, o que dá às ações de extensão universitária maior consistência teórica e operacional.

A diretriz de Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade para as ações extensionistas busca superar essa dicotomia [visões holistas e visões especializadas], combinando especialização e consideração da complexidade inerente às comunidades, setores e grupos sociais, com os quais se desenvolvem as ações de Extensão, ou aos próprios objetivos e objetos dessas ações. O suposto dessa diretriz é que a combinação de especialização e visão holista pode ser materializada pela interação de modelos, conceitos e metodologias oriundos de várias disciplinas e áreas do conhecimento, assim como pela construção de alianças intersetoriais, interorganizacionais e interprofissionais. Dessa maneira, espera-se imprimir às ações de Extensão Universitária a consistência teórica e operacional de que sua efetividade depende. (FORPROEX, 2012: 49)

Identifico na exposição *IMENSA MENTE - Caminhos da Saúde Mental: do existir ao resistir* (2018) um exemplo de como essa dimensão foi colocada em exercício. A exposição curricular teve por desafio explorar com o público uma visão crítica a respeito da saúde mental, evidenciando a valorização do ser humano. A exposição foi um convite ao diálogo sobre si, o outro e as concepções que nos cercam e tentam nos definir. Hoje, debater sobre saúde mental é mais do que uma necessidade, é um dever. O sofrimento psíquico e transtorno mental são problemas de interesse mundial e afetam pessoas de todas as idades, culturas e nível socioeconômico.

Ao escolherem o tema saúde mental os(as) alunos(as)-curadores(as) se comprometeram com o horizonte de um Estado democrático e de cidadania plena, condição colocada à prova no país. O tema exigiu o conhecimento de lutas da área e a adesão ao movimento de luta pelas melhorias no Sistema Único de Saúde e Rede de Atenção à Saúde Mental. Seu exercício foi um incentivo ao debate coletivo.

6 Exemplifico com os trabalhos de conclusão de curso de Camila Cardoso Coronel Martins e Natália Souza Silva, intitulados **Memória e negritude: o grupo AFRO-SUL/ODOMODE como referência da cultura imaterial de Porto Alegre, RS** (2016) e **Bloco Afro Odomode no Vinte de Novembro: celebração e resistência negra nas ruas de Porto Alegre, RS** (2017), respectivamente. Para consultas, acessar o *Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, disponível na coleção Ensino, subcoleção Trabalhos de Conclusão de Curso, números de registro MSL7.1.60 e MSL7.1.67. Disponível em: <https://memoriamsufrgs.online/tainacan/colecao/ensino/>. Acesso em janeiro de 2023.

7 Exemplifico com a dissertação de Natália Souza Silva, intitulada **Memórias afro-gaúchas sobre o carnaval: a trajetória do Afro-Sul/ Odomode em Porto Alegre, RS** (2022). Para consulta, acessar o *Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, disponível na coleção Ensino, subcoleção Dissertações, número de registro MSL7.2.19. Disponível em: <https://memoriamsufrgs.online/tainacan/colecao/ensino/>. Acesso em janeiro de 2023.

Conscientes da complexidade do tema, ancorado tanto em abordagens especializadas como holísticas, os(as) futuros(as) profissionais identificaram a necessidade de um acompanhamento interdisciplinar no decorrer de todas as decisões curatoriais. Essa postura alinha-se com a defesa de Waldisa Guarinie de compreender a interdisciplinaridade com o método de pesquisa e de ação da Museologia que atua diretamente no exercício da área em diversos níveis:

O método interdisciplinar do conhecimento museológico...

... NO NÍVEL DO MUSEU

previamente, **supõe a presença de muitos profissionais**, formados em diferentes disciplinas que orientam os objetivos de cada museu;

considera-se a ação de “catalisador” do museólogo, não enciclopédico, não onisciente, mas seguramente o profissional apto a coordenar as diferentes ações resultantes de diferentes domínios de conhecimentos representados pela variedade de profissionais que trabalha em museus; e **as trocas, as relações conexas e recíprocas e a coerência do trabalho museológico**;

considera-se a possibilidade dos movimentos de análise e de síntese, a existência de teses e antíteses, o que dá ao museu e ao **seu quadro profissional uma visão viva, dialética, histórica e crítica**, inclusive no que concerne aos museus, em si, a seus profissionais e suas funções;

partindo de visões fragmentadas, estereotipadas ou antisistemáticas, é possível uma ação mais dinâmica, não apenas “para”, mas “com” a comunidade;

considera-se uma estrutura funcional e uma **relação interprofissional como a condição que facilita a emergência da relação “homem/ objeto” como fato museológico, onde o museu é o agente de ligação. [...]**

... NO NÍVEL DA CIÊNCIA MUSEOLÓGICA

permite-se a “**fertilização cruzada**”, em razão da permuta efetiva de ideias, além das fronteiras das especializações, facilitando uma **visão e uma experiência interativa de diferentes campos científicos**. O que não só enriquece os campos da Museologia, que não são apenas uma reunião de informações, mas também permite uma adição ordenada, seletiva, conexas e sistematizada de novos dados científicos;

facilita a **emergência de inquietudes estimulantes da pesquisa em um novo e largo horizonte**, mesmo as simples formulação de dúvidas, muitas vezes inadmissíveis em um contexto acadêmico, monolítico unidisciplinar, o qual pode, inclusive, ser julgado como o responsável pela não realização científica de inquietudes salutares e promissoras;

permita-se a criação de um **espírito de receptividade à crítica** sem a qual a ciência e o científico não se realizam jamais.

... NO NÍVEL PROFISSIONAL E CIENTÍFICO DO MUSEU

a interdisciplinaridade e seus desdobramentos permitem a **viabilidade a uma maior consciência da necessidade de uma reflexão crítica contínua e com constante sobre a Museologia, e sobre o papel do museólogo como trabalhador social**. (GUARNIERI, 1983 [2010]: 134-136. Grifo meu)

As exposições curriculares no processo de curricularização da extensão universitária: um diálogo direto com a sociedade.

Tal posição curatorial permitiu uma relação de interprofissionalidade à luz do tema. Imersões foram realizadas diretamente em cenários que o tema da saúde mental se fez/faz presente - Memorial do Hospital Psiquiátrico São Pedro; Memorial do Hospital Colônia Itapuã; Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul; Centro de Atenção Psicossocial (CAPS); Centro de Valorização da Vida (CVV); Centro Interdisciplinar de Pesquisa e Atenção à Saúde (CI-PAS) da UFRGS - e permitiu uma troca de conhecimentos dos(as) alunos(as)-curadores(as) com psicólogos(as), psicanalistas, historiadores(as), residentes da Saúde Mental Coletiva da UFRGS e usuários(as) dos serviços, na perspectiva interdisciplinar do conhecimento museológico defendida por Guarnieri (1983 [2010]). A troca proporcionada foi tão intensa que ocorreu a participação espontânea de usuários(as) dos serviços, visitando recorrentemente a exposição e interagindo com a proposta curatorial - inclusive, com adição de acervos e diálogos com os(as) demais visitantes (figura 4).

A exposição curricular IMENSA MENTE buscou fazer com que o público refletisse a respeito de algumas questões que envolvem a saúde mental ainda hoje. Como estratégia curatorial, os alunos responsáveis pela exposição pretendiam provocar o público a pensar sobre a forma como a sociedade compreende os usuários dos serviços de saúde mental, as relações de empatia e alteridade que precisam existir na sociedade, além de apresentar algumas trajetórias da saúde mental, suas mudanças e diferentes alternativas de cuidados humanizados com o outro. Ao final da exposição, foi perceptível a significativa aceitação do público visitante sobre a temática proposta, e um dos aspectos que nos permitiu este reconhecimento foi a participação espontânea de usuários dos serviços de algumas das instituições de saúde apresentadas na exposição e dos CAPS. A exposição IMENSA MENTE deu visibilidade àqueles que são os principais protagonistas desta trajetória. (IMENSA MENTE, 2018: 20)⁸

Figura 4 - Interação na exposição IMENSA MENTE - Caminhos da Saúde Mental: do existir ao resistir (2018)



Foto de Ronaldo Milanez. Fonte: Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, 2023⁹.

8 Para consulta do catálogo da exposição, acessar o *Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, disponível na coleção Exposições Curriculares, subcoleção IMENSA MENTE - Caminhos da Saúde Mental: do existir ao resistir, número de registro MSL4.8.74. Disponível em: <https://memoriamslufrgs.online/tainacan/colecao/exposicoes-curriculares/>. Acesso em janeiro de 2023.

9 Para consulta da imagem, acessar o Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, disponível na coleção Exposições Curriculares, subcoleção IMENSA MENTE - Caminhos da

Conclui-se que a exposição ao ser concebida a partir de pesquisas nas diversas áreas do conhecimento, com viés interdisciplinar e interprofissional, permitiu abordar o tema da saúde mental não pelo viés de recomendar tratamentos, instituições, ou estabelecer diagnósticos, mas, sim, pelas relações igualitárias, de alteridade e empatia propor um debate sensível sobre a desconstrução de estigmas relacionados a saúde mental, evidenciando a importância de seu debate na sociedade contemporânea.

Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão

A diretriz indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão prevê uma relação interseccionada, seja na relação extensão-ensino (valorizando o processo de formação de pessoas) e ou na relação extensão-pesquisa (potencializando a geração de conhecimento). Ou seja, a indissociabilidade permite ao(a) estudante o protagonismo de sua formação, pois a integração proposta valoriza as competências necessárias tanto na atuação profissional quanto à sua formação cidadã, permitindo uma aproximação profissional mais efetiva com os valores e princípios comunitários.

No que se refere à relação Extensão e Ensino, a diretriz de indissociabilidade coloca o estudante como protagonista de sua formação técnica - processo de obtenção de competências necessárias à atuação profissional - e de sua formação cidadã - processo que lhe permite reconhecer-se como agente de garantia de direitos e deveres e de transformação social. [...] Na relação entre Extensão e Pesquisa, abrem-se múltiplas possibilidades de articulação entre a Universidade e a sociedade. Visando à produção de conhecimento, a Extensão Universitária sustenta-se principalmente em metodologias participativas, no formato investigação-ação (ou pesquisa-ação), que priorizam métodos de análise inovadores, a participação dos atores sociais e o diálogo. Apenas ações extensionistas com esses formatos permitem aos atores nelas envolvidos a apreensão de saberes e práticas ainda não sistematizados e a aproximação aos valores e princípios que orientam as comunidades. Para que esses atores possam contribuir para a transformação social em direção à justiça, solidariedade e democracia, é preciso que eles tenham clareza dos problemas sociais sobre os quais pretendem atuar, do sentido e dos fins dessa atuação, do 'arsenal' analítico, teórico e conceitual a ser utilizado, das atividades a serem desenvolvidos e, por fim, da metodologia de avaliação dos resultados (ou produtos) da ação e, sempre que possível, de seus impactos sociais. (FORPRO-EX, 2012: 50-51)

A exposição curricular *TIC-TAC: nas cordas do tempo* (2019) evidencia em seu processo curatorial e desdobramentos a diretriz indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Com a premissa de questionar sobre a forma como vivemos e nos relacionamos com o tempo, propôs compartilhar com o público a percepção de como o tempo é construído, como o tempo não é único para todos e como pensar formas alternativas de vivenciar o tempo. Para tal exercício a exposição propôs uma transição de narrativa, no(a) qual o(a) visitante percorria o núcleo Tempo do Controle, referente ao “tempo ocidental” - marcado pela produtividade - para apresentar o núcleo Tempo do Sentir, a partir da cosmovisão indígena Mbyá-Guarani.

As exposições curriculares no processo de curricularização da extensão universitária: um diálogo direto com a sociedade.

A necessidade de se apropriar da percepção de tempo pelos(as) indígenas exigiu um exercício diferenciado: não caberia construir uma narrativa fundamentada exclusivamente em conhecimentos acadêmicos. Assim, os(as) alunos(as)-curadores(as) tornaram-se protagonistas da concepção metodológica que propiciaria a produção de conhecimento necessária para a elaboração do núcleo expositivo e buscaram, pela via do diálogo e interação com os sujeitos sociais representados(as), a apreensão de saberes, práticas, valores e princípios que orientam a comunidade em questão.

De forma a trazer a voz e o protagonismo indígena para o espaço expositivo, uma relação de diálogo foi construída com o cacique Jaime Verá Guyra e a Aldeia Jataí'ty (Viamão/RS), que pontuaram qual a melhor forma de representação de elementos da cultura Mbyá-Guarani. O contato foi enérgico, com visitas à aldeia (figura 5) e da comunidade Jataí'ty na exposição. O núcleo expositivo núcleo Tempo do Sentir é produtor de trocas de experiências de vida:

A natureza possui um ritmo que é imposto a todos nós, através do sol que nasce e se põe todo os dias e das estações do ano que se sucedem. No entanto, a forma como experimentamos a passagem do tempo não é igual. Em geral, a sociedade em que vivemos entende o tempo social como algo linear: a vida, as tarefas de trabalho e mesmo nossos dias são compreendidos como tendo início, meio e fim. Uma das propostas da exposição foi apresentar outros modos de vivenciar o tempo, através da cosmovisão indígena Mbyá-Guarani, caracterizada por um tempo cíclico, onde o processo é o mais importante. Embora habitem o mesmo espaço-tempo regido pelo relógio, preservam e sustentam outras formas de estar no tempo. Para os Mbyá-Guarani o tempo apresenta uma integração espiritual entre humano e natureza. Suas atividades são organizadas conforme as fases da Lua e estações do ano, tendo os elementos da fauna, da flora, das constelações e dos rituais como marcadores de tempo. Como você sente o tempo? (TIC-TAC, 2019: 14-15)¹⁰

Figura 5 - Visita à Aldeia Jataí'ty (Viamão/RS) pelos(as) alunos(as)-curadores(as) da exposição TIC-TAC: nas cordas do tempo (2019)



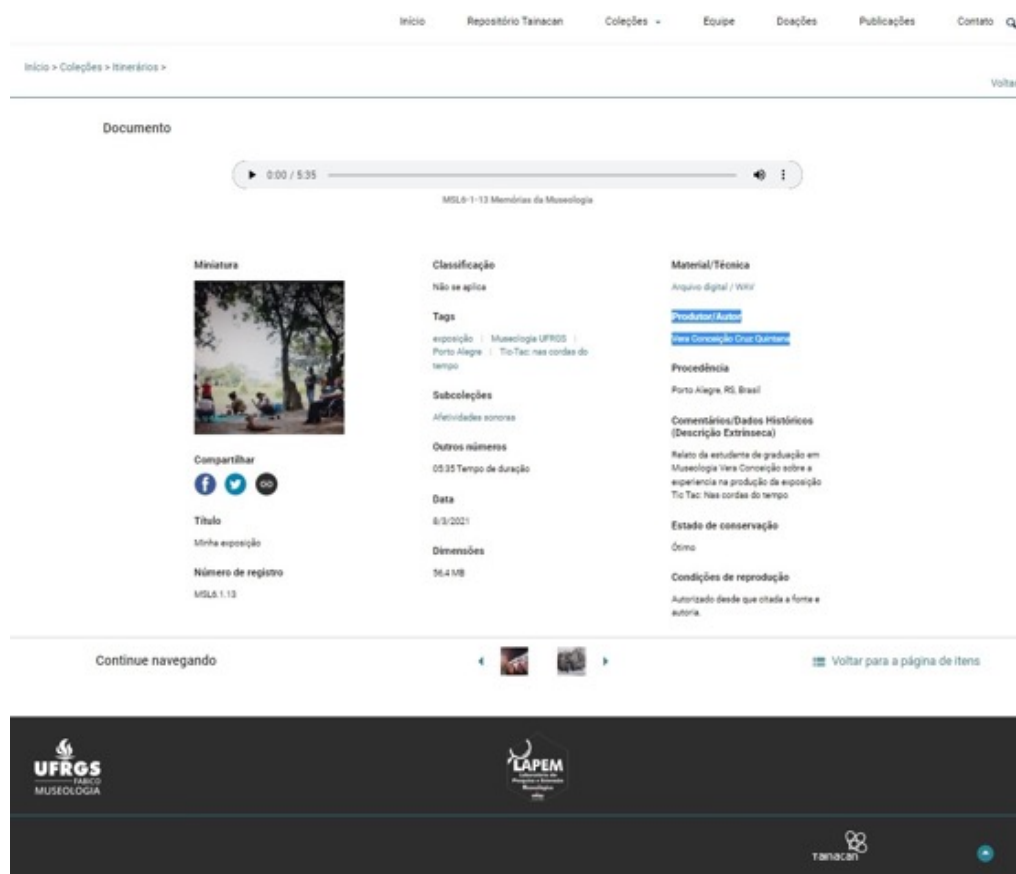
Foto de Eugênio Barboza. Fonte: Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, 2023¹¹.

¹⁰ Para consulta do catálogo da exposição, acessar o *Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, disponível na coleção Exposições Curriculares, subcoleção TIC-TAC: nas cordas do tempo, número de registro MSL4.9.50. Disponível em: <https://memoriamsufrgs.online/tainacan/colecao/exposicoes-curriculares/>. Acesso em janeiro de 2023.

¹¹ Para consulta da imagem, acessar o *Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, disponível na coleção Exposições Curriculares, subcoleção TIC-TAC: nas cordas do tempo, número de registro MSL4.9.35. Disponível em: <https://memoriamsufrgs.online/tainacan/colecao/exposicoes-curricula->

A relação foi tão intensa que, quando alunos(as)-curadores(as) a rememoram, a denominam de transformadora. A interação ao longo do processo curatorial potencializou a formação cidadã, uma dimensão difícil de contemplar quando é proposto um aprendizado exclusivamente técnico. As vivências foram tão significativas para a formação daqueles(as) futuros(as) profissionais que tornou-se a memória selecionada e doada pela discente Vera Conceição Cruz Quintana para a subcoleção Afetividades Sonoras, do programa de extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias* (figura 6).

Figura 6 - Memória Minha Exposição, doada para a subcoleção Afetividades Sonoras



Fonte: Programa de extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, 2023¹².

A vivência, que valorizou a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, teve ainda outros desdobramentos, para além da exposição curricular. Três trabalhos de conclusão de curso foram desenvolvidos a partir da relação iniciada nas visitas a Aldeia Jataí'ty, instigando investigações de dinâmicas potencializadas pela interação dialógica¹³. O passo protagonizado pelos(as) alunos(as)-

res/. Acesso em janeiro de 2023.

12 Para consulta da imagem, acessar o *Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, disponível na coleção Itinerários, subcoleção Afetividades Sonoras, número de registro MSL6.1.13. Disponível em: <https://memoriamslufrgs.online/tainacan/colecao/exposicoes-curriculares/>. Acesso em janeiro de 2023.

13 Exemplifico com os trabalhos de conclusão de curso Victoria Deckmann Santos, Daniela Mei Lipp Nisinen e Iandora de Melo Quadrado, intitulados **Missões Jesuítico-Guarani e protagonismo indígena: inserção de contranarrativas no ensino de História por meio da educação patrimonial** (2019), **Guardiões do ka'ay (chimarrão): memória e patrimônio vivo da cultura Mbya Guarani** (2020) e **Da intenção ao gesto: reflexões sobre o patrimônio indígena no Museu Júlio de Castilhos** (2022), respectivamente. Para consultas, acessar o Programa de extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, disponível na coleção Ensino, subcoleção Trabalhos de Conclusão de Curso, números de ISSN 2238-5436

As exposições curriculares no processo de curricularização da extensão universitária: um diálogo direto com a sociedade.

-curadores(as) vigora em novas relações estabelecidas entre o Curso de Museologia e diversas comunidades indígenas.

Impacto na formação do estudante

A atuação do(a) discente em atividades que possuem uma dimensão extensionista enriquece sua experiência em termos teóricos e metodológicos, ao mesmo tempo em que permite a reafirmação de compromissos que vão ao encontro do exercício da cidadania:

As atividades de Extensão Universitária constituem aportes decisivos à formação do estudante, seja pela ampliação do universo de referência que ensinam, seja pelo contato direto com as grandes questões contemporâneas que possibilitam. Esses resultados permitem o enriquecimento da experiência discente em termos teóricos e metodológicos, ao mesmo tempo em que abrem espaços para reafirmação e materialização dos compromissos éticos e solidários da Universidade Pública brasileira. (FORPROEX, 2012: 52- 53)

Todas as exposições acima elencadas exemplificam essa dimensão extensionista: como evidenciado pela memória compartilhada da discente Vera Conceição Cruz Quintana, é recorrente doações de memórias afetivas relacionadas às exposições curriculares¹⁴, tendo por traço comum a reflexão de como essa atividade impactou a vida do(a) depoente. Mas em uma edição esse impacto ficou explícito em todo o processo, de forma marcante: a exposição curricular *Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão* (2017).

A curadoria compartilhada teve como propostas apresentar ao visitante um outro olhar a respeito do mundo feminino, da representação da mulher na sociedade, das amarras que ainda existem, das lutas coletivas por direitos e igualdade, e, acima de tudo, propor uma reflexão e debate acerca deste tema. O consenso da importância de falar sobre a mulher não vem só do fato da equipe ser composta majoritariamente por 'elas', mas sim, pela necessária mudança cultural relacionada ao lugar e ao 'ser mulher' atualmente em nossa sociedade. Mesmo sendo um exercício curricular universitário, a atividade foi encarada com muita responsabilidade pelos curadores, principalmente por conta da necessidade de evidenciar essa temática, tão discutida nos dias atuais, mas que não é usualmente trabalhada nos museus. Múltiplas experiências foram vivenciadas a partir da exposição, algumas impossíveis de serem expressadas em palavras. Ainda assim, compartilharemos parte destas memórias e do processo de aprendizado que buscou valorizar, sobretudo, as relações humanas. (NÓS PODEMOS!..., 2017a: 14-15)¹⁵

registro MSL7.1.107, MSL7.1.115 e MSL7.1.126. Disponível em: <https://memoriamslufrgs.online/taianacan/colecao/ensino/>. Acesso em janeiro de 2023.

14 Exemplifico com as memórias doadas por Lourdes Maria Agnes intitulada **Sempre aprendendo** e Patrícia Gabriela Machado Barbosa intitulada **Vernissage da Exposição Curricular KUMIAI - Entrelaçamentos na Colônia Japonesa de Ivoti**. Para consultas, acessar o *Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, disponível na coleção Itinerários, subcoleção Afetividades Sonoras, números de registro MSL6.1.4 e MSL6.1.7, respectivamente. Disponível em: <https://memoriamslufrgs.online/taianacan/colecao/itinerarios/>. Acesso em janeiro de 2023.

15 Para consulta do catálogo da exposição, acessar o *Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, disponível na coleção Exposições Curriculares, subcoleção Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão, número de registro MSL4.7.31. Disponível em: <https://memoriamslufrgs.online/taianacan/colecao/exposicoes-curriculares/>. Acesso em janeiro de 2023.

Para apresentar o tema os(as) alunos(as)-curadores(as) realizaram um mergulho no percurso do empoderamento feminino. Esse movimento exigiu o contato direto com coletivos feministas, como o Coletivo Feminino Plural, organizações de mulheres, como as Meninas na Ciência, Mulheres na Universidade e na Saúde (MUSAS) e ONG Themis, e Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher. Esses encontros foram intensos e permitiram nos deparar com um universo de dados impactante, bem como de resistências (figura 7).

Figura 7 - Imagens do núcleo expositivo (Des)Igualdades da exposição curricular Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão (2017)



Composição realizada pela autora a partir do catálogo da exposição (NÓS PODEMOS!..., 2017a, p.21-22).
Fonte: Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, 2023.

Essa foi uma exposição curricular que as ações educativas ganharam forte proporções, demandando do grupo uma atenção constante nas dinâmicas de mediação e programações educativas. Os(as) alunos(as)-curadores(as) se prepararam para receptividades diversas, a exemplo de críticas ao tema por abordar o feminismo:

COMO LIDAR COM O TEMA DA EXPOSIÇÃO? Dependendo do público que será mediado (crianças, adolescentes, adultos, etc.) sua fala deverá sofrer alterações. Termos muitas vezes acadêmicos servirão para visitantes universitários, mas não para escolas, tenha cuidado antes de falar respeitando as diferenças de cada grupo. Os assuntos abordados na exposição são temas muito debatidos pela divergência de ideias, por isso devemos sempre respeitar as opiniões que surgirão ao longo das discussões. O mediador jamais deverá tomar qualquer postura autoritária perante os visitantes ou tentar impor a sua opinião para o grupo. Nosso espaço é sim para debate e reflexão, mas não para discussões em que haja falta de respeito, tanto para mediadores quanto para visitantes. Se sentir que as discussões estão aflorando os ânimos para posturas inadequadas, independente do tamanho do público que estiver mediando, tente acalmar a todos ou então chame um colega para ajudá-lo. **4.1 QUE POSTURA ADOTAR?** É possível usar exemplo de situações e desenvolver uma saída para as mesmas trazendo como reflexão as atitudes certas e erradas. Em caso de relatos de alguma forma de violência: -Mostrar o material de distribuição do disque 180, folder educativo, entre outros que estarão a nossa disposição para auxiliar nestes casos; -Em turmas de escola sinalizar para o professor, pois é uma atividade vinculada à escola e o mesmo deve ter ciência do ocorrido para então tomar as devidas providências caso sejam necessárias; -Vinculados à Universidade falar sobre local de

As exposições curriculares no processo de curricularização da extensão universitária: um diálogo direto com a sociedade.

atendimento, medidas que devem/podem ser tomadas, denúncia, etc. Caso o visitante tenha alguma postura inadequada durante a mediação (muitas vezes ocorrem com turmas de escolas, onde há disputas de poder entre os gêneros e os mesmos querem chamar atenção) tentar sinalizar para a pessoa, sempre com respeito, para que não haja desconforto ou irritações. (NÓS PODEMOS!..., 2017b: 11-12)¹⁶

Para tais interações com o público os(as) alunos(as)-curadores(as) decidiram criar um núcleo educativo no circuito expositivo (figura 8). A decisão foi acertada pois, ao contrário de uma receptividade negativa, a demanda dos(as) visitantes foi de intensa interação, tirando dúvidas, compartilhando experiências de violências à mulher e pedindo informações para denúncias. Não era esperada tamanha adesão e solicitação de escuta e ajuda. Tal movimento exigiu posturas impensáveis no processo de curadoria: acolhimento, empatia, prontidão. Foi necessário ampliar os materiais impressos sobre denúncias, cedidos pela Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher. Se tornou recorrente a visita de pessoas que anunciavam não ser o primeiro contato com a exposição, retornando com novos(as) visitantes - muitos(as) tinham ido com escolas e, posteriormente, levaram familiares e amigos(as).

Figura 8 - Educativo da exposição curricular Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão (2017)



Composição realizada pela autora a partir do catálogo da exposição (NÓS PODEMOS!..., 2017a, p. 16-17;26-27). Fonte: Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, 2023.

¹⁶ Para consulta do manual do mediador da exposição, acessar o *Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, disponível na coleção *Exposições Curriculares*, subcoleção *Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão*, número de registro MSL4.7.10. Disponível em: <https://memoriamslufrgs.online/tainacan/colecao/exposicoes-curriculares/>. Acesso em janeiro de 2023.

[...] a arquivada no Espaço Educativo [...] foi palco desta interatividade de forma espontânea em diferentes momentos, seja pela necessidade de mudança comportamental identificada pelo público visitante ou por aqueles que vivenciaram em suas vidas alguns dos fatos apresentados na exposição. As exposições curriculares do Curso de Museologia da UFRGS são exercícios acadêmicos. Mas também são possibilidades de estimular na sociedade, debates comprometidos com a cidadania, respeito ao próximo e direito à diversidade e à igualdade. Nessa perspectiva os alunos-curadores se constituem futuros profissionais com sensibilidade de propor uma Museologia de atitude dialógica e humanizadora. Entendemos que todos os envolvidos com uma exposição, dos idealizadores ao público, juntos, podem participar de um debate democrático sobre temas que constroem a nossa história. A exposição Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão se comprometeu com esse desafio. (FARIA; PIRES; AGNES, 2018: 49-50)

O processo de escuta, troca e afeto acabou por se tornar elemento de impacto na formação do(a) estudante. Esse é um aprendizado singular, próprio daquela vivência. Seu desdobramento foi perceptível: ao final da exposição curricular, alunos(as)-curadores(as) e docente não eram mais os(as) mesmos(as). Éramos uma versão melhor de si, mais humanizados, críticos e solidários. Percebemos que o título selecionado não poderia ser melhor para simbolizar esse processo. Juntos, nós podemos transformar a sociedade.

Impacto e transformação social

Impacto e transformação social é uma diretriz que reafirma a extensão universitária como um mecanismo que estabelece uma interação da universidade com outros setores da sociedade, com vistas a uma atuação transformadora, voltada para os interesses e necessidades da maioria da população, e propiciadora do desenvolvimento social e regional e de aprimoramento das políticas públicas.

A expectativa é de que, com essa diretriz, a Extensão Universitária contribua para o processo de (re)construção da Nação, uma comunidade de destino, ou de (re)construção da polis, a comunidade política. Nesse sentido, a diretriz Impacto e Transformação Sociais imprime à Extensão Universitária um caráter essencialmente político. (FORPROEX, 2012: 54)

2022 foi um ano que essa proposta se mostrou potencializada. Os(as) aluno(as)-curadores(as) propuseram a exposição curricular *Brasil: vermelho como brasa*¹⁷, um convite à reflexão sobre um país que atravessava incertezas asseveradas e buscava novos horizontes, seja em readaptações de rotinas após o isolamento social devido à Covid-19 - ainda que se mantém com status de emergência sanitária internacional -, a posicionamentos políticos-ideológicos frente a um enérgico contexto de polarização em ano eleitoral.

A proposta inicial dos(as) aluno(as)-curadores(as) daquela edição era de abordar as cores que definiriam a brasilidade. Porém, um processo mais aprofundado acerca do tema os(as) levou à conclusão de que quando se pensa Brasil um de seus qualificadores é a desigualdade. Consequentemente definiram que a exposição abordaria o que é ser brasileiro(a), explorando diversos espaços e

¹⁷ A subcoleção *Brasil: vermelho como brasa* está em andamento e será compartilhada na coleção Exposições Curriculares do programa de extensão Museologia da UFRGS: trajetórias e memórias sob o número de registro MSL.4.12.

As exposições curriculares no processo de curricularização da extensão universitária: um diálogo direto com a sociedade.

realidades encontradas nesse país. Essa narrativa atravessou o percurso da exposição, evocada em objetos que convidam a debater três espaços de convívio público e privado permeados por diferentes perspectivas sociais, culturais e políticas: a casa, a escola e a rua. A exposição se apresentou, nessa perspectiva, como um local de questionamento dos símbolos “oficiais”, mas também de memórias e identidades consideradas coletivas, muitas que ora são atravessadas pelas assimetrias e desigualdades da vida em terras brasileiras, ora produzidas para ocultá-las (BRASIL..., 2022) (figura 9).

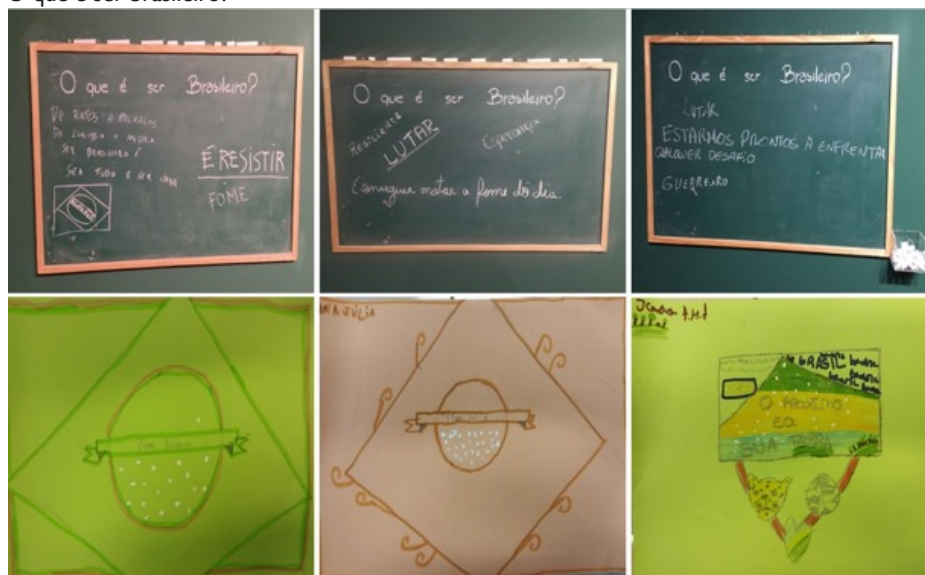
Figura 9 - Detalhes da exposição Brasil: vermelho como brasa (2022)



Fonte: Acima, foto de Carol Gelmini; abaixo, à esquerda, foto de Amanda Donat; abaixo, à direita, foto de Alex Marchand, 2022.

A exposição curricular motivou um amplo debate sobre a nação. Em um ano marcado pelo bicentenário da independência, o que esperar do futuro? Interações foram planejadas, como a pergunta no núcleo Escola “O que é ser brasileiro”? Um dos retornos mais significativos para os(as) alunos(as)-curadores(as) foi espontâneo: a questão norteadora foi explorada em pós-visita pela Escola Estadual Rio de Janeiro, localizada em Porto Alegre. Observa-se que tal dinâmica evidenciou, especialmente, o Brasil que é idealizado no futuro pelos(as) estudantes, marcado por frases como Tenha Respeito, Tenha Paz e Brasil, o próximo é a sua terra (figura 10). Tais desenhos foram apresentados à turma de aluno(as)-curadores(as).

Figura 10 – Exemplos da dinâmica no quadro (visita) e desenhos (pós-visita) sobre a questão O que é ser brasileiro?



Fonte: Acima, registros dos(as) alunos(as)-curadores. Abaixo, desenhos entregues pela Escola Estadual Rio de Janeiro, 2022.

A exposição curricular *Brasil: vermelho como brasa* foi um exercício de reflexão sobre o processo de (re)construção da nação, focada em evidenciar que somos protagonistas de um fazer-político, prática está para além de ideologia partidária, pois a todos(as) interessa a vida em coletividade. Desafiou-se mostrar a política como instrumento de valorização da cidadania - exercício que potencializa a emergência da transformação social.

Considerações finais

A curricularização da extensão é uma realidade. Na UFRGS, sua implementação passou a ser exigida em 2022, demandando um amplo debate sobre sua incorporação nos Projetos Pedagógicos e nos currículos dos cursos de graduação da Universidade. Tal exigência prevê um mínimo de 10% da carga horária para integralização da extensão - o que, para o curso de Museologia da UFRGS, demanda 287 horas (UFRGS, 2019). Seu cumprimento poderá ser realizado em três modalidades, descritas no artigo quinto da Resolução nº 029, de 15 de dezembro de 2021:

Das Modalidades de reconhecimento da prática extensionista

Art. 5º O reconhecimento da prática extensionista na carga horária do curso dar-se-á em uma das seguintes modalidades:

I - Participação como membro da equipe executora em Atividades de Extensão, como definidos nas Normas Gerais para as Atividades de Extensão Universitária na UFRGS;

II - Aprovação em Atividades de Ensino que possuam reconhecimento de prática extensionista como componente curricular de extensão em sua carga horária;

III - Participação como membro da equipe executora em Atividades de Extensão não promovidas pela UFRGS.

As exposições curriculares no processo de curricularização da extensão universitária: um diálogo direto com a sociedade.

§ 1º Serão consideradas para fins desta resolução as atividades enquadradas na modalidade descrita no inciso I que possuam na comissão coordenadora um docente na qualidade de orientador acadêmico.

§ 2º A componente curricular de extensão das Atividades de Ensino referidas no inciso II deverá estar registrada no sistema de graduação, através do seu plano de ensino, com a descrição das características de extensão em sua forma de realização e com a quantificação da carga horária específica da componente curricular de extensão.

§ 3º As atividades aludidas no inciso III são aquelas que não possuem registro na UFRGS, organizadas por outras Instituições de Ensino Superior (IES) do Sistema Federal de Ensino Superior. (UFRGS, 2021, doc. eletrônico).

Os debates sobre a curricularização da extensão no curso de Museologia da UFRGS foram iniciados em 2014 (UFRGS, 2015), já sob o impacto da Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012). Porém, aguardando as instruções da Universidade, as providências ganharam contornos a partir de 2021, com as reuniões sobre o ementário da graduação (UFRGS, 2022). Definiu-se, por meio de reuniões docentes, da Comissão de Graduação em Museologia e do Núcleo Docente Estruturante que a modalidade voltada para atividades de ensino que possuam reconhecimento de prática extensionista como componente curricular de extensão em sua carga horária seria uma das opções apropriadas pelo curso. É o caso das disciplinas Projeto de Curadoria Expográfica e Prática de Exposições Museológicas. A primeira, que possui 60 horas (4 créditos) voltadas para a elaboração do projeto da exposição curricular, compreenderá 30 horas de prática extensionista. A segunda, 120 horas (8 créditos) para implementação da exposição curricular, terá 90 horas dedicadas à prática extensionista. Reforça-se que os(as) discentes são, nesses processos, membro da equipe executora da ação extensionista.

Mas, para além de dados quantitativos, a escolha dessas disciplinas (e outras do currículo) se dá pela potência de serem atividades que ensino que contribuem diretamente na formação técnica, profissional e cidadã dos(as) futuros(as) egressos(as) do curso de graduação. Como adverte Santos (2020: 208):

Assim, sugerimos que a creditação da extensão universitária nas IPES brasileiras, se consolide como esse lugar de autonomia dos estudantes, e seja principalmente o lugar de onde possamos contribuir com a formação cidadã que complementa a formação acadêmica e profissional, do ponto de vista das humanidades, à revelia de imposição de modelos herméticos, que soam como modelos impostos. Esta imposição retira a humanidade, retira a criatividade, e a vontade de estar neste espaço que deveria ser do dever com prazer, se transformando muitas vezes no lugar do sofrer. Que a creditação da extensão sem abordagem piegas traga a literatura em sua absoluta diversidade, os temas que transversalizam a vida sem cortes, sem censura, que possamos estudar e compreender toda a gama de diversidade que as relações humanas permitem e nos impõe: diversidade étnica, diversidade religiosa, diversidade sexual, diversidade de toda ordem. Diversidade que reconheça, acolha, estude, aprenda, ensine. Enfim, que a creditação da extensão, não caia na armadilha de ser mais do mesmo, numa simples transposição do currículo do ensino para a extensão.

Em conformidade com a ponderação de Santos (2020), o artigo buscou exemplificar a presença do caráter extensionista nas exposições curriculares, processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político. Defende-se que a prática das exposições curriculares promove, antes mesmo da obrigatoriedade da curricularização da extensão, a “[...] promoção e garantia dos valores democráticos, da equidade e do desenvolvimento da sociedade em suas dimensões humana, ética, econômica, cultural, social” (FORPROEX, 2012: 42) porque sua essência é extensionista. Conclui-se que, mais do que uma atividade de ensino, as exposições curriculares devem ser tratadas como um meio de diálogo transformador entre universidade e outros setores da sociedade - devendo ser valorizadas pelas instâncias mantenedoras de tal prática como um importante instrumento de democratização do conhecimento.

Referências

AGÔ - PRESENÇA NEGRA EM PORTO ALEGRE: UMA TRAJETÓRIA DE RESISTÊNCIA. Catálogo da exposição curricular, Porto Alegre, 2015. 20p.

BARROSO, Gustavo. *Introdução à Técnica de Museus*. v.1, 2.ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/ Gráfica Olímpica, 1951. 350p.

BRASIL. Lei nº 7287 de dezembro de 1984. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Museólogo, 1984.

BRASIL. Plano Nacional de Educação 2010-2020. Diário Oficial da União. Edição extra, página 1, seção 1, 2014.

BRASIL: VERMELHO COMO BRASA. Relatório da exposição curricular Brasil: vermelho como brasa, Porto Alegre, 2022. 108p.

BRULON, Bruno. Passagens da Museologia: a musealização como caminho. *Revista Museologia e Patrimônio*, 2018. p.189-210.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. *Educar no museu: o Museu Histórico Nacional e a educação no campo dos museus (1932-1958)*. 2017. 292 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. PIRES, Kimberly Terrany Alves; AGNES, Lourdes Maria. NÓS PODEMOS! A MULHER DA SUBMISSÃO À SUBVERSÃO: um convite ao diálogo. *Revista da Extensão*, n. 17, 2018. p.43-50

FORPROEX. Política Nacional de Extensão Universitária. Porto Alegre, RS: Gráfica da UFRGS, 2012, 74p. (Coleção Extensão Universitária; v.8).

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Formação profissional, 1986. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. v.1, 1.ed., São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.

As exposições curriculares no processo de curricularização da extensão universitária: um diálogo direto com a sociedade.

IMENSA MENTE - CAMINHOS DA SAÚDE MENTAL: DO EXISTIR AO RESISTIR. Catálogo da exposição curricular, Porto Alegre, 2018. 20p.

LUDOLF, Dulce Cardozo. Nova Diretriz para o Museu. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. XIII. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1964. p.189-200. [Volume atribuído ao ano 1952].

NÓS PODEMOS! A MULHER DA SUBMISSÃO À SUBVERSÃO. Catálogo da exposição curricular, Porto Alegre, 2017. 32p.

NÓS PODEMOS! A MULHER DA SUBMISSÃO À SUBVERSÃO. Manual do mediador, Porto Alegre, 2017. 29p.

RÚSSIO, Waldisa Pinto. *Museu: um aspecto das organizações culturais em um país em desenvolvimento*, 1977. 162p. Dissertação (Mestrado) - Pós-Graduação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Fesp/SP), São Paulo, 1977.

SÁ, Ivan Coelho. História e Memória do Curso de Museologia: do MHN à UNIRIO. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 39. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 2007. p. 10-48.

SANTOS, Alfredo Baduíno. *A curricularização da extensão universitária a partir do plano nacional de Educação do Brasil: dificuldades e possibilidades*. 2020. 264 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. 3ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção questões da nossa época; v.11)

SOUZA, Aline Escandil de. *Educação e exposição: a dimensão educativa das exposições curriculares do curso de Museologia da UFRGS (2011-2015)*. 2015, 79f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2015.

TIC-TAC: NAS CORDAS DO TEMPO. Catálogo da exposição curricular, Porto Alegre, 2019. 32p.

TOSTES, Gustavo Oliveira. *Transformações conceituais do curso de museus - MHN e do curso de museologia - FEFIERJ/UNIRIO: Um novo olhar sobre a formação em Museologia na década de 1970*. 2017. 132f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

TURMA 2014/2015. Relatório da exposição curricular AGÔ - Presença Negra em Porto Alegre: uma trajetória de resistência, Porto Alegre, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Resolução nº 029, de 15 de dezembro de 2021, Porto Alegre, 2021. 6f.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Museologia. Ementário do Curso de Museologia 2021, Porto Alegre, 2022. 77p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Museologia. Projeto Pedagógico do Curso de Museologia, Porto Alegre, 2015. 897p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Museologia. Projeto Pedagógico do Curso de Museologia, Porto Alegre, 2019. 57p.

Recebido em janeiro de 2023.

Aprovado em abril de 2023.